

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

**Faculdade de Letras – FALE**

**Curso de Especialização em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino**

**de Leitura e Produção de Textos - PROLEITURA**

José Domingos de Jesus Santos

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

***A casa da coruja verde, de Alina Paim:*  
uma proposta de leitura e de aplicação em sala de aula**

Belo Horizonte

2024

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

**Faculdade de Letras – FALE**

**Curso de Especialização em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino  
de Leitura e Produção de Textos - PROLEITURA**

José Domingos de Jesus Santos

***A casa da coruja verde, de Alina Paim:*  
uma proposta de leitura e de aplicação em sala de aula**

**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Faculdade de Letras da  
Universidade Federal de Minas Gerais  
como requisito avaliativo para obtenção do  
título de especialista em Língua  
Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino  
de Leitura e de Produção de Texto.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luiza Santana  
Chaves Miconi Ferreira.

Belo Horizonte

2024



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

## ATA

### FACULDADE DE LETRAS

ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA: Teoria e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos

Realizou-se, no dia 13 de novembro de 2024, às 14:00 horas, de forma remota, a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado *A casa da coruja verde, de Alina Paim: uma proposta de leitura e de aplicação em sala de aula*, apresentado por JOSÉ DOMINGOS DE JESUS SANTOS, número de registro 2023659749, como requisito parcial para a obtenção do certificado de Especialista em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, perante a seguinte Comissão Examinadora: Profa. Luiza Santana Chaves Miconi Ferreira - Orientadora, Profa. Joyce Rodrigues Gonçalves (UFMG), Profa. Ana Leal (Universidade Federal de Sergipe - UFS).

A Comissão considerou o Trabalho:

Aprovado

Reprovado

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 13 de novembro de 2024.

Profa. Luiza Santana Chaves Miconi Ferreira (Doutora)

Profa. Joyce Rodrigues Gonçalves (Doutora)

Profa. Ana Leal (Doutora)



Documento assinado eletronicamente por **Luiza Santana Chaves Miconi Ferreira, Coordenador(a)**, em 14/11/2024, às 08:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Joyce Rodrigues Silva Goncalves, Professora Ensino Básico Técnico Tecnológico**, em 17/11/2024, às 20:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Ana Maria Leal Cardoso, Usuária Externa**, em 19/11/2024, às 17:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufmg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3636989** e o código CRC **7DFC2880**.

## DEDICATÓRIA

À memória do professor Marcelo Chiaretto, leitor de Alina Paim, que, embora não tenha estado fisicamente presente nesta jornada, foi e sempre será uma fonte de inspiração inesgotável.

Mesmo antes que eu pudesse começar este trabalho, o senhor, muito entusiasmado, apoiou minha escolha por essa “ fantástica escritora sergipana, pois ela é muito pouco estudada, apesar de ter um conjunto de obras extremamente originais. Já li dela *A correnteza*, uma obra de que me lembro até hoje, como me surpreendi com a escrita, que exploração psicológica interessante”.

Suas palavras de incentivo: “ Você está se organizando de forma muito inteligente ao pretender integrar as duas pesquisas (mestrado e especialização) e penso até que você está trilhando um caminho muito próspero, uma vez que ao fim você terá dois diplomas extremamente valiosos. Vá em frente, não se preocupe”, alimentaram ainda mais o desejo de dar continuidade aos estudos da obra de uma escritora cuja voz ecoa nas páginas da nossa história literária, ainda que , muitas vezes, não ouvida.

Apesar de não ter tido a chance de trilhar este caminho da pesquisa ao seu lado, dedico-te cada linha escrita, cada ideia refletida. Sua paixão pela literatura vive em mim, guiando cada passo que dou em direção ao conhecimento.

Este trabalho é, em espírito, também seu. Obrigado por tudo!

## **AGRADECIMENTOS**

À prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Luiza Chaves, minha orientadora, por sua orientação, paciência e incentivo durante todo o processo de pesquisa. Sua experiência e dedicação foram fundamentais para que eu pudesse trilhar este caminho com mais confiança.

À prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ana Leal, por ter me apresentado a obra da escritora Alina Paim. A descoberta desta romancista e a compreensão de sua importância na literatura brasileira despertaram em mim um profundo interesse por sua vida e por seus escritos.

A Ricardo Bruno, pela prontidão em ajudar, paciência, gentileza e disposição para resolver as questões burocráticas.

Ao corpo docente e à coordenação do curso, que compartilharam seu conhecimento e me inspiraram a seguir carreira acadêmica. Cada aula e cada conversa muito contribuíram para o aperfeiçoamento da minha formação e a atuação profissional.

À banca examinadora, por ter dedicado tempo e conhecimento para a avaliação deste trabalho. Agradeço pelas valiosas contribuições, sugestões e críticas que enriqueceram este estudo.

Agradeço, ainda, imensamente, à Universidade Federal de Minas Gerais pela concessão da bolsa integral de estudo.

## EPÍGRAFE

“Aquilo que olhamos e desejamos em sonho fica perto de nós e nos pertence”

(Paim, 2019, p.37)

## RESUMO

Este trabalho propõe uma sequência didática baseada na leitura do conto infantil *A casa da coruja verde*, da escritora sergipana Alina Paim, e tem como objetivo sugerir estratégias de ensino do gênero conto em sala de aula. A pesquisa fundamenta-se nos estudos de Zilberman (2003,1984) e Marinho (2009) sobre literatura infantojuvenil, bem como nas análises de Cardoso (2012, 2013, 2014, 2019, 2024), Coelho (1985, 2000, 2001, 2002, 2003) e Gens (2009) acerca da produção literária de Alina Paim voltada para crianças e jovens, e em Gancho (1991) para tratar dos elementos narrativos do conto. A escolha desta narrativa como *corpus* justifica-se pelo seu potencial literário e pedagógico, que dialoga diretamente com as teorias sobre o gênero textual em questão.

**Palavras-chave:** Alina Paim;conto infantil; sequência didática.

## **ABSTRAC**

This work proposes a didactic sequence based on the reading of the children's tale *The House of the Green Owl*, by the Sergipe writer Alina Paim, and aims to suggest strategies de teaching the short story genre in the classroom. The research is based on the studies of Zilberman (2003, 1984) and Marinho (2009) on children's literature, as well as on the analyses of Cardoso (2012, 2013, 2014, 2019, 2024), Coelho (1985, 2000, 2001, 2002, 2003) and Gens (2009) about the literary production of Alina Paim aimed at children and young people, and on Gancho (1991) to deal with the narrative elements of the tale. The choice of this narrative as a corpus is justified by its literary and pedagogical potential, which dialogues directly with the theories about the textual genre in question.

**Keywords:** Alina Paim;children's story;didactic sequence.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1 BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL .....	10
2 ALINA PAIM: ENTRE O REAL E O FAZ DE CONTA NA FICÇÃO PARA CRIANÇAS.....	14
3 <i>A CASA DA CORUJA VERDE</i> : UMA PROPOSTA DE LEITURA EM SALA DE AULA.....	19
4 <i>A CASA DA CORUJA VERDE</i> EM SALA DE AULA: UMA PROPOSTA DE ENSINO DO GÊNERO CONTO.....	25
4.1 PRODUÇÃO INICIAL.....	25
4.2 MÓDULO I.....	26
4.3 MÓDULO II.....	26
4.4 MÓDULO III .....	28
4.5 PRODUÇÃO FINAL .....	29
4.6 AVALIAÇÃO .....	30
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	30
REFERÊNCIAS .....	30

## INTRODUÇÃO

A literatura infantojuvenil desempenha um papel fundamental na formação do leitor não apenas pelo desenvolvimento da capacidade de interpretação textual, mas também pela construção de valores e pela ampliação do repertório sociocultural das crianças e adolescentes. Neste contexto, o conto infantil *A casa da coruja verde*, da escritora sergipana Alina Paim, destaca-se como uma narrativa capaz de envolver os infantis com sua trama e personagens cativantes.

Neste sentido, o presente trabalho de conclusão de curso tem como objetivo propor, a partir da referida narrativa, uma sequência didática para o ensino do gênero textual conto em sala de aula, explorando as potencialidades deste texto literário como ferramenta pedagógica, com vistas a incentivar a leitura e a reflexão sobre fantasia, valores éticos e a formação de uma consciência crítica entre os estudantes.

A escolha pelo conto infantil em tela se deu em razão da minha participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), durante a minha graduação em Letras- Língua Portuguesa- na Universidade Federal de Sergipe- projeto no qual, sob a orientação da professora Dr.<sup>a</sup> Ana Maria Leal Cardoso, tive a oportunidade de conhecer e me aprofundar nos estudos da vida e obra de Alina Paim, uma escritora cuja relevância para a literatura brasileira tem sido redescoberta e valorizada nos últimos anos.

Cada descoberta sobre a autora, cada nova interpretação de sua obra, foi um incentivo para continuar minha trajetória acadêmica com a certeza de que a pesquisa em literatura é capaz de revelar e valorizar vozes e histórias que, como a de Alina Paim, merecem ser ouvidas.

Para além da minha experiência como aluno bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) no plano de trabalho “ A simbólica do corpo na poética de Alina Paim”, a combinação de sua relevância literária, didática e cultural torna *A casa da coruja verde* uma obra digna de estudo acadêmico, tendo em conta a abordagem de temas que vão da fantasia a reflexões profundas sobre questões humanas e sociais.

Para atingir o objetivo proposto, pauto-me no marco teórico-metodológico de Zilberman (2003,1984) e Marinho (2009) no que tange à literatura

infantojuvenil, nas análises de Cardoso (2012, 2013, 2014, 2019, 2024), Coelho (1985, 2000, 2001, 2002, 2003) e Gens (2009) para tratar da produção literária de Alina Paim voltada a crianças e jovens, assim como nos saberes de Gancho (1991) sobre elementos narrativos, pois acredito que o citado conto infantil, analisado à luz destes estudos, exemplifica como a literatura infantojuvenil muito pode contribuir para a educação e formação dos jovens leitores .

No que se refere à organização desta pesquisa, divido-a em três seções. Na primeira, traço um breve contexto histórico da literatura infantojuvenil. Na segunda, apresento os principais pontos da vida e da literatura infantojuvenil paimiana. Na terceira, proponho uma sequência didática, elaborada a partir de *A casa da coruja verde*, para o ensino do gênero conto em sala de aula. Por fim, teço minhas considerações finais.

## **1 BREVE HISTÓRICO DA LITERATURA INFANTOJUVENIL**

A origem da literatura infantojuvenil se dá na era da Alta Idade Média com o ensinamento de preços e com a leitura de manuscritos religiosos nas escolas, a fim de instruir o comportamento dos alunos. Nesta época, segundo Zilberman e Magalhães (1984, p.33):

as mudanças na estrutura da sociedade provocaram efeitos no âmbito artístico, mudanças que vigoram até os dias atuais. [...] Nesse contexto, aparece a literatura infantil; seu nascimento, porém, tem características próprias, pois decorre da ascensão da família burguesa, do novo status concebido à infância na sociedade e da reorganização da escola.

Por esta razão, as crianças eram vistas pelo meio social como adultos em miniaturas. Elas participavam ativamente do mundo do trabalho e eram educadas pelos pastores, devido à igreja de confluência e à dominação sobre o corpo social. Nessa fase inicial, os textos literários destinavam-se a adultos, mas, com o processo da Revolução Industrial, o conceito de infância mudou, posto que a sociedade passou a enxergar esta fase da vida em sua forma natural. Consequentemente, por efeito disso, a literatura infantojuvenil foi adaptada para os leitores mirins .

Intimamente ligada à Revolução Industrial e à crescente expansão da burguesia, a produção de obras para crianças, a exemplo de fábulas e contos de fadas, como os de Esopo, dos irmãos Grimm, começou a eclodir. De acordo com

Zilberman (2003, p.15) “os primeiros livros para crianças foram produzidos ao final do século XVII e durante o século XVIII. Antes disso, não se escrevia para elas, porque não existia a “infância””.

No século XVIII, os primeiros escritos começaram a surgir tendo por objetivo desempenhar funções pedagógicas. Deste período, destacam-se os contos de fadas, a exemplo de “*Cinderela*” e “*Chapeuzinho Vermelho*”, escritos por Charles Perrault na França e reunidos no livro *Contos da Mãe Ganso* (1697).

Foi a partir do século das luzes que o mundo começou a se planejar. Isto é, a máquina industrial fez-se elemento do mundo acompanhando a conjuntura histórica social em que a economia e o capitalismo estavam em ascensão. Em virtude disso, as obras começaram a ser publicadas, e a literatura passou a ser consumida, especialmente a literatura dos contos de fadas, por ser capaz de fazer com que a criança viaje no pensamento e tenha uma visão positiva da vida.

Da mesma forma que os sonhos, os contos de fadas ou contos “maravilhosos”, no entender de Cardoso (2012, p.147-148), :

são representações de acontecimentos psíquicos. Eles encenam os dramas da alma humana, têm origem nas camadas profundas do inconsciente e pertencem ao mundo arquetípico, o que justifica o reaparecimento de determinados temas em diferentes culturas.

Estes “deixaram de ser vistos como pura fantasia, para serem pressentidos como portais que se abrem para verdades humanas ocultas” (Coelho, 2003, p.16), expressam, por meio de simbolismos, nossos anseios e medos, e, segundo Marinho (2009, p. 19- 20), surgem em narrativas fantásticas, a partir da

literatura da Antiguidade clássica ocidental – como na epopeia e na tragédia- aparecendo também no romance grego, para depois se apresentar, já transformado, na literatura medieval comparando na hagiografia, nas novelas de cavalaria, nos romances de aventura e na literatura picaresca do grotesco, conforme aponta os estudos de Mikhail Bakhtin.

Antônio Candido, um dos mais renomados críticos literários brasileiros, em *O direito à literatura*, abordou a fabulação como um componente essencial do fenômeno literário, conectando-a ao que ele chamou de “função humanizadora da literatura”. Para o autor:

Não há povo e não há homem que possa viver sem (...) a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como

todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado (...). E durante a vigília a criação ficcional ou poética, que é a mola da literatura em todos os seus níveis e modalidades, está presente em cada um de nós, analfabeto ou erudito, como anedota, caso, história em quadrinhos, noticiário policial, canção popular, moda de viola, samba carnavalesco (Candido, 2017, p. 176-177).

Este entendimento sublinha que a capacidade de fabular não é apenas uma expressão artística, mas uma necessidade intrínseca ao ser humano, vinculada à sua natureza simbólica e à busca por sentido na experiência cotidiana. Logo, o ato de fabular é universal e atravessa culturas e tempos, constituindo uma forma de organizar a realidade pela imaginação.

Com a publicação de clássicos, como *Contos de Fadas* (1835-1872), de Hans Christian Andersen, *Contos para a Infância e o Lar* (1812), dos Irmãos Grimm, *Mulherzinhas* (1868), de Louisa May Alcott, e *Alice no País das Maravilhas* (1865), de Lewis Carroll, o século XIX ficou marcado como um período expressivamente significativo para a literatura infantojuvenil, pois estas e muitas outras obras foram popularizadas nesta época e são lidas ainda hoje.

No século XXI, a literatura infantojuvenil expandiu suas fronteiras ao integrar novas formas de expressão visual e textual, entre as quais se destacam as *graphic novels* e os mangás. Essas formas de literatura gráfica têm atraído significativamente os jovens leitores, por oferecerem uma experiência de leitura que une arte e narrativa. O apelo visual destas obras, com ilustrações detalhadas e sequências dinâmicas, facilita o engajamento de uma geração acostumada ao consumo de conteúdos audiovisuais e possibilita uma nova forma de imersão nas histórias.

No Brasil, a literatura infantojuvenil é marcada por obras de grandes escritores. Entre muitos deles, Monteiro Lobato, Ana Maria Machado, Ruth Rocha e Pedro Bandeira contribuem com livros, respectivamente, como *Sítio do pica-pau amarelo*, *Menina bonita do laço de fita*, *A primavera da lagarta* e *A droga da obediência*, para o universo lúdico do leitor mirim. Estas são destinadas não somente aos pequenos, como também a leitores adultos que se interessam por fantasia.

A literatura infantojuvenil coopera imensamente para a formação da criança, porque promove tanto o desenvolvimento humano quanto a transformação social. O contato com histórias infantis e imagens que explicam fatos da vida real faz com que ela desenvolva o hábito de ler e, conseqüentemente, compreenda a si mesmo, seu semelhante e o universo do cotidiano, pois boa parte das obras destinadas ao público infantil costuma ter um final feliz, na tentativa de motivar o infante a perceber pontos positivos na sua vida, na família e no lugar onde vive.

Para a psicologia, a literatura infantil tem caráter compensatório, já que, na maioria das vezes, o fato de a criança ter contato com o texto literário supera a ausência do diálogo dos pais ou de algo que ela gostaria de ter na realidade, mas que, por algum motivo, não é possível obter. Logo, de algum modo, a literatura permite a criança sentir-se mais próxima daquilo que ela imagina.

Para Piaget (1976), a literatura infantil faz com que a criança desenvolva o hábito da leitura, a capacidade de imaginar, criar, pensar e refletir. Ademais, em suas definições sobre o conceito de infância, o pensador levou em consideração a importância da contação de história para criação da personalidade infantil.

De acordo com o teórico, o ato de contar e recontar é uma prática milenar que favorece a imaginação ativa, o conhecimento da criança e permite o desenvolvimento linguístico dela. Dessa forma, o vocabulário do escritor de histórias infantis deve ser condizente à idade do leitor mirim, justamente para seduzir o infante à leitura, dado que aquele que escreve para criança precisa pensar e sentir como criança, tecendo, em seu fazer literário, diálogos, onomatopeias e ilustrações.

Acerca disso, Coutinho (2004, p.200) afirma que:

a literatura infantil é por essência desinteressada, no sentido do ensino sistemático, embora deva ser educativa e possa ser instrutiva. Seu fim é emocionar artisticamente a criança, pelo sublime, pelo cômico, pelo patético, pelo trágico, pelo pitoresco ou pela aventura e, ao mesmo tempo, desperta-lhe a imaginação, aperfeiçoar-lhe a inteligência e aprimorar-lhe a sensibilidade.

Levando-se em conta o contexto histórico da literatura infantojuvenil, percebe-se a importância dessa arte, a qual, conforme aponta Coelho (2000, p.27) , é “ fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida

através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização”, e, quando bem trabalhada em sala de aula, desperta a imaginação do aluno e pode formar leitores críticos para questionar tudo aquilo nos parece comum.

## **2 ALINA PAIM: ENTRE O REAL E O FAZ DE CONTA NA FICÇÃO PARA CRIANÇAS**

Alina Leite Paim nasceu em 10 de outubro de 1919 em Estância, Sergipe. Ainda na infância ficou órfã de mãe. Por conta da perda, foi morar na cidade de Simão Dias - onde teve formação religiosa . Em seguida , acompanhada do pai, um caixeiro viajante, mudou-se para Salvador. Lá, morou em um convento e formou-se professora - profissão que lhe permitiu um contato direto com a realidade periférica da capital baiana - na qual conheceu seu esposo, o médico Isaias Paim, quando esteve internada em um sanatório que tratava de pessoas com transtornos mentais. O casal teve duas filhas; Maria Luiza, adotada, e Tereza, biológica, e permaneceu junto durante quase cinquenta anos, até o final da década de 1980.

A experiência como professora “ motivou sua arte literária” (Cardoso, p. 2019, p.8) e foi fundamental para o desenvolvimento de sua consciência social e política, visto que aspectos do seu “ envolvimento com o Partido comunista Brasileiro durante quase três décadas” se refletem em sua produção literária e resultaram em seu primeiro romance, *Estrada da liberdade*, o qual contou com a participação de Graciliano Ramos, foi dedicado a Jorge Amado, ambos escritores modernistas e companheiros de militância junto ao Pcdob, e narra a vida da protagonista Marina,

professora recém-formada no colégio de freiras, que passa a lecionar no mesmo e apresenta um olhar contestador àquele sistema que oprime e controla as mulheres. Quando Marina é aprovada em um concurso público, começa, então, a lecionar na periferia (Maciel, Gomes, 2024, p.105).

Ao avançar na trama, o leitor nota similaridades entre vida e obra da ficcionista , pois “as experiências de Alina Paim registradas nesse romance estão relacionadas à fase em que viveu em Salvador e nos primeiros anos de sua estadia no Rio de Janeiro, nos que trabalhou como professora” ( Maciel, Gomes,

2024, p. 105). Para Ramalho (2019, p.43), no entanto,

o que a visita à biografia da escritora Alina Paim e a leitura de seus romances permitem é verificar que a autora assumiu as rédeas da própria vida e fez de suas vivências, nos planos afetivo, psicológico, político e social, matérias para sua ficção e para suas reflexões sobre o estar no mundo.

Logo, para a autora, os pontos de convergência entre a experiência pessoal e os acontecimentos narrados permitem que “ as relações vida\obra possam ser recolhidas sem prejuízo” (Ramalho, 2019, p.44), dado que “ Alina confere à Marina um caráter simbólico tão amplo, que a despe da Alina biográfica para ceder lugar a questionamentos que vão além dela e atingem a todas as mulheres ”(Ramalho, 2019, p.75).

Ao longo de sua carreira, Alina Paim publicou mais 9 romances, a saber: *Simão Dias* (1949); *A sombra do patriarca* (1950); *A hora próxima* (1955); *Sol do meio-dia* (1961); a trilogia de Catarina : *O sino e a rosa* (1965); *A chave do mundo* (1965) e *O círculo* (1965); *A sétima vez* (1975); *A correnteza* (1979).

Suas obras podem ser classificadas, segundo Cardoso (2011, p.78), “ em dois seguimentos: o primeiro apresenta grande teor social, característico de seu engajamento político; o segundo voltado para a introspecção”. Para além dos romances, os quais, conforme aponta Coelho (2002, p.39):

[...] denunciam, principalmente, o despotismo dos fortes sobre os fracos, o amor como caminho de realização ou de destruição dos seres humanos, a desumanidade do sistema de exploração da força-trabalho, que caracteriza a sociedade brasileira em geral etc

, Paim também se dedicou à literatura infantojuvenil, ao seguir “ a tradição já expressa por escritoras renomadas como Clarice Lispector e Cecília Meireles, que escreveram também para crianças (Cardoso, 2014, p.123), publicando quatro obras infantis; *O lenço encantado* (1962); *A casa da coruja verde* (1962); *Luzbela vestida de cigana* (1963) e *Flocos de algodão* (1966).

A literatura infantojuvenil paimiana, “ tecida nos fiaves da memória, é fruto da experiência como professora em uma comunidade pobre de Marambáia, interior do estado do Rio de Janeiro, cujos alunos eram filhos de pescadores

”(Cardoso, 2012, p.144). Suas histórias, não só “condensam suas experiências como roteirista do programa infantil “No reino da alegria”, entre 1945 e 1956, que era dirigido por Geni Marcondes na Rádio do Ministério da Educação e Cultura” (Maciel, Gomes, 2024, p. 99), como também encantam e provocam a reflexão dos pequenos leitores pela abordagem de temas que dialogam com a realidade social brasileira, mostrando-se uma extensão de si como uma escritora “ que se aproxima da justiça social ”(Cardoso, 2019, p.8) e comprometida com a educação dos infantis.

As três primeiras obras voltadas para o público infantil escritas pela literata compartilham os mesmos personagens: Henrição, um jardineiro mágico, Catarina (apelidada de Catita) e Laurinho, dois irmãos órfãos de mãe, que vivem no Sítio Cruzeiro do Sul com sua avó Mariana e o Dr. Nelson, pai das crianças. Além disso, *O lenço encantado*, *Luzbela vestida de cigana* e *A casa da coruja verde* têm como ambiente narrativo o mesmo cenário rural: o Sítio Cruzeiro do Sul.

Essa interligação entre as obras, consoante Gens (2009), facilita o reconhecimento e a aceitação dos personagens por parte dos leitores em formação, tornando-as mais dinâmicas e acessíveis para o público infantil. Na acepção de Cardoso (2014, p.124), nestes contos, as “ ações estão mais na instância da imaginação, da fantasia, pois o sítio, local em que se passam os acontecimentos, é o lugar das grandes possibilidades, dada a sua aproximação com a mãe natureza”.

Em *O lenço encantado*, a chegada de Henricão traz uma atmosfera mágica ao local. Henricão carrega consigo um baú misterioso, que logo desperta a curiosidade das crianças que vivem no sítio. Ele ensina os pequenos a brincarem de faz de conta usando lenços supostamente mágicos que eles escolhem do baú, que é colocado sob uma jaqueira. Esses lenços permitem que as crianças entrem em um mundo de fantasia, em que até um burro ganha a capacidade de falar.

*A casa da coruja verde*, publicado originalmente em 1962 e relançado em 2019 pela Editora ArtNer, sob a coordenação Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Ana Maria Leal Cardoso, em:

uma justa homenagem ao centenário de nascimento de Paim, cuja expressiva produção ficcional – que há muito deveria estar inserida com destaque no percurso do moderno romance brasileiro – traz a marca da luta por uma sociedade mais justa, inclusiva (Cardoso, 2019, p.5),

narra as aventuras de dois irmãos órfãos, Catita e Laurinho, que moram no Sítio Cruzeiro do Sul com sua avó Mariana, o jardineiro mágico Henricão, e o seu pai, Dr.Nelson. As crianças sonham em frequentar a escola, mas enfrentam dificuldades em virtude da distância e ao fato de morarem na zona rural.

Após muita insistência dos netos, a avó decide matriculá-los na escola da professora Helena, todavia, Dona Júlia, vizinha da família, alerta sobre o caminho perigoso que leva até a escola, pois, no meio do trajeto, está a misteriosa casa da coruja verde, um local envolto em segredos, já que ninguém sabe quem mora lá.

Com isso, a curiosidade dos irmãos é despertada, levando-os a uma jornada de descoberta e mistério. Durante essa aventura, eles enfrentam desafios e resolvem enigmas, passando por uma espécie de “viagem mítica”, que os conduz a novas experiências e aprendizados.

A história *Luzbela vestida de cigana* começa quando as crianças encontram uma estrela de lata empoeirada, que foi arrastada pelo vento e chegou até o portão do sítio. Elas limpam a estrela e pedem ao jardineiro mágico que a desencante, acreditando que ela possa ser uma princesa.

Henricão concorda em ajudar, mas faz um pedido peculiar às crianças. Ele precisa de um par de braços, de pés calçados em pantufas de veludo, de cabelos negros e de um fio de pérolas. Assustadas com essa exigência, elas consultam a avó, que revela o papel que ela desempenhará no processo, surpreendendo o jardineiro.

Após três dias, as crianças retornam com uma boneca feita de acordo com as especificações de Henricão. O jardineiro ,então, cumpre sua promessa e dá vida à boneca, que começa a falar e revela sua verdadeira identidade como Luzbela, a estrela que iluminava o caminho dos Reis Magos.

*Flocos de algodão*, embora o cenário e os personagens sejam outros, também conta a história de dois irmãos: Geni e Julinho, que ficam entusiasmados com a visita de seu avô Portela à Fazenda Bela Vista. Portela, um personagem carismático com experiência internacional como jornalista e agrônomo, chega à fazenda para escrever sobre plantas.

Durante sua estadia, ele compartilha com os netos seu conhecimento sobre o algodão, detalhando sua importância histórica e cultural desde a Antiguidade até os dias atuais. A partir das histórias do avô, Geni e Julinho aprendem sobre o papel fundamental do algodão na economia e na vida das pessoas, enquanto exploram o valor e a trajetória dessa planta ao longo dos séculos. O conto condensa camadas de elementos educativos e informativos, evidenciando a influência histórica e econômica do algodão, e foi encomendado e publicado pela Secretaria de Agricultura do Estado do Rio de Janeiro.

Além destes, no *Dicionário de crítico de escritoras brasileiras*, no qual Coelho (2001,p.51) refere-se a Paim como uma “romancista de garra, fundamentalmente sintonizada com as forças transformadoras de nosso tempo, Alina Paim é das que merecem destaque nas letras brasileiras”, são mencionados os seguintes títulos: *Fonte de mel e doçura*, *O chapéu do professor* e *A árvore e a bola*, que, por não haver informações adicionais sobre essas obras, supõe-se que não tenham sido publicadas.

A literatura infantojuvenil de Alina Paim é uma herança cultural de magia, imaginação e aprendizado. Suas narrativas, marcadas por personagens encantadores e enredos ricos em temas, permanecem como um testemunho do poder da literatura para transformar e educar. Segundo Gens (2009, p.52):

O universo literário de Alina Paim, em sua vertente para crianças, parte do estabelecimento de situações plasmadas na verossimilhança que se vão esgarçando pelo poder da imaginação das personagens, sobretudo das crianças. A palavra de ordem é o encantamento. Ou, se quisermos utilizar outra denominação, a fantasia. Os desejos vão se corporificando e ganhando vez a partir dos elementos de apoio, que se encontram apoiados em estratégias de revelar/encobrir, visto que possibilitam ora a abertura para o plano da imaginação, ora o transformar de uma perspectiva do real .

Apesar de “ter produzido uma vasta obra, abordando diferentes temáticas, (...) não foi reconhecida do ponto de vista da crítica literária” (Cardoso, 2010, p.131). Acredita-se que seu desconhecimento, por “boa parte das academias e do público leitor” (Santos, Cardoso, 2024, p. 531), deve-se ao fato de ter sido :

uma escritora nordestina advinda do quinto estado mais pobre do Brasil e o menor deles em extensão territorial, dedicada que foi ao PCB quando não somente a esquerda era perseguida como as mulheres que se dedicavam ao exercício da escrita encontravam maiores dificuldades do que seus pares masculinos para publicar seus escritos (Maciel, Gomes, 2024, p.110).

Alina Paim faleceu em 28 de fevereiro de 2011, aos 92 anos, em Campo Grande, Mato Grosso do Sul, deixando um conjunto de obras que, na avaliação de Maciel e Gomes (2024, p.110) “é parte do patrimônio literário voltado para descrever personagens transgressoras que têm um olhar para o povo brasileiro”.

### **3 A CASA DA CORUJA VERDE: UMA PROPOSTA DE LEITURA EM SALA DE AULA**

A história contada em *A casa da coruja verde* “começa na véspera de São João” (Paim, 2019, p.11) , uma época típica da cultura nordestina, com os irmãos órfãos, Laurinho e Catita, brincando perto da fogueira.

Durante essa noite festiva, as crianças se divertem com adivinhações, e Catita, desejando conhecer seu futuro, joga uma clara de ovo na água da bacia para tentar ver a figura que se formaria. A imagem que aparece indica que “a sorte mandou me matricular na professora Helena”(Paim,2019,p.12).Isto significa que ela irá para a escola realizar um grande desejo que já a angustia há algum tempo, porque sua avó Mariana acreditava que a neta ainda era muito pequena para iniciar os estudos. Esse presságio, contudo, parece mudar a situação, pois “Vovó Mariana, tantas e tantas vezes se viu obrigada a afirmar a devoção aos santos, que resolveu meter a neta na escola” (Paim, 2019, p.12).

O enredo prossegue destacando a euforia das crianças no dia em que vão para a cidade realizar a matrícula de Catita na escola da professora Helena. No último dia de férias, Catita e seu irmão Laurinho, após fazerem a matrícula,

retornam ao sítio Cruzeiro do Sul, onde moram com a vovó Mariana e o pai, Dr. Nelson.

O Sítio Cruzeiro do Sul fica “ a frente para a estrada de rodagem, entre o rio e a vila de Ouro Verde”. É um local onde “tudo acontece: jerico fala, carta se encanta, papagaio encabula mágico” (Paim,2019, p.14). Nele:

Seus moradores viviam como todos os habitantes de sítio, rodeados de sossego e de alegria. Os bichos procediam como bichos comuns. Sabonete latia nas ocasiões certas, Malhada dava seu leite com seriedade, o bezerro novo berrava sem exagero e o canário cantava, cheio de trinados, na gaiola da varanda. Os objetos da casa obedeciam ao uso consagrado. O relógio marcava as horas, cadeiras e mesa faziam parte da sala de jantar, o espelho grande mostrava, fiel e silencioso, a imagem das pessoas que nele se miravam ( Paim, 2019).

O Sítio Cruzeiro do Sul está ligado às tradições e à vida simples do campo. É um lugar onde a natureza e o cotidiano dos personagens se entrelaçam, proporcionando um ambiente para o crescimento dos irmãos, que têm a oportunidade de aprender com a sabedoria ancestral que é passada pela avó Mariana. O cenário rural , na visão de Cardoso (2019, p.7) :

remete à cena brasileira, com elementos da fauna e da flora pulverizados na obra, passando a ideia de tranquilidade e alegria, ambiente harmonioso, propício para o desenvolvimento da criança em formação e para potencializar a fantasia.

A avó Mariana, como descrita pelo narrador, embora esteja quase sempre ocupada com as tarefas domésticas, “ descobre tempo para contar histórias, fazer bolos e tricotar agasalhos, sempre com receitas novas, as mais modernas” (Paim, 2019) . Ela é a guardiã dos conhecimentos populares e das histórias que passa para os netos, porque personifica a importância do conhecimento prático e cultural, aquele que é vivido e transmitido oralmente. Para Cardoso (2019, p.8) , o papel da avó na narrativa, “ é fundamental para a organização do sítio e da família, entretanto, não de forma repressora, pois todos reconhecem a importância de participar nas tarefas do sítio, naturalmente”.

Seus netos - protagonistas do conto- :Laurinho, que completou anos no último sábado, e catita , que “ com suas duas tranças, não passa dos seis anos

e três meses” (Paim, 2019), representam a vivacidade e a curiosidade infantil que impulsionam a narrativa.

Laurinho, por ser o mais velho, assume uma postura de liderança e curiosidade que o faz explorar o mundo ao seu redor com mais segurança. Seu aniversário recente pode simbolizar uma transição para uma fase de maior independência, em que o protagonismo é acompanhado de responsabilidades.

Catita, também, é curiosa e encantadora. É conhecida por sua criatividade e liberdade de expressão, o que é enfatizado pelas próprias escolhas: "Vou ser professora!" (Paim, 2019, p.14). Além do mais, sua opção por se vestir como uma cigarinha em contraste às crianças que usam uniformes escolares ressalta sua independência e personalidade e leva Gens (2009, p.50 ) a “ pensar numa quebra de padrão. Continua sua investida contra o senso comum e a autoridade, à maneira de Emília, de Lobato”.

Assim como a protagonista de o *Sítio do pica-pau amarelo*, Catita é uma figura que desafia as convenções e gosta de explorar novas ideias e aventuras. A pequena é moldada pelas influências da avó Mariana e pela vivência no Sítio Cruzeiro do Sul, ambientação narrativa que, conforme destaca Cardoso (2014, p.124) , também:

se aproxima daquela já expressa por Monteiro Lobato, em *O sítio do pica-pau amarelo*, portanto, de um Brasil rural e em que se respira tranquilidade, opondo-se à industrialização que escraviza o homem.

Ambas personagens vivem em um ambiente de fantasia no qual a realidade pode ser transformada. O Sítio do Pica-pau Amarelo é um lugar em que a imaginação é a principal força que dita as regras. Emília, aproveitando a liberdade oferecida pelo maravilhoso<sup>1</sup>, utiliza esse ambiente para questionar e ,sobretudo, para viajar na imaginação.

---

<sup>1</sup> Conforme expõe Marinho (2009, p. 32), em *Poéticas do maravilhoso no cinema e na literatura*, o maravilhoso pode ser entendido como um amplo gênero narrativo que atravessa o tempo, englobando uma variedade de obras. Esse gênero destaca-se por revelar o que está oculto sob a superfície da realidade cotidiana, manifestando-se nela ao impor a força da imaginação, capaz de transcender as barreiras do possível.

Ainda que semelhantes, Catita representa a infância no contexto de tradições e aprendizado familiar, enquanto Emília encarna a criatividade e a rebeldia dentro de um mundo fantasioso. As duas personagens, porém, oferecem valiosas lições para o público infantil, já que demonstram que a infância é um espaço de experimentação, crescimento e, acima de tudo, de descoberta do mundo e de si mesmas.

Os irmãos, ao retornarem ao sítio, encontram alguns amigos da vovó Mariana, como Dona Júlia, Prudêncio e o velho Teodoro, que os advertem a não entrarem na tão famigerada casa, como destaca a narrativa: “passem longe da casa da coruja verde, ninguém sabe o que ali se esconde. É misteriosa” (Paim, 2019, p.15). Desta forma, criando um clima de mistério e despertando a curiosidade das crianças, visto que elas acreditam que “deve ser casa bonita, se possui sino e terraço” (Paim, 2019, p.17).

A casa, que “tem terraço, sala quadrada de torre e ainda um mastro plantado nas telhas onde balança a tal coruja [...] e aquele sino a berrar quando se puxa o cordão” (Paim, 2019, p. 16), instiga a imaginação das pessoas da região, que, da mesma forma que o velho Teodoro, inventam histórias e passam a chamar o lugar o local de a casa da coruja verde. Esta, consoante Cardoso (2012, p.127), “parece ser o grande enigma a ser desvendado pelas curiosas crianças”.

Depois de se encontrarem com os amigos da vovó, as crianças, ao passo que admiram a casa, cruzam o caminho de um “mensageiro de encomendas extraordinárias. Um moço trajado de feltro cor-de-ferrugem, capacete dourado, e chuteiras com asas no calcanhar” (Paim, 2019, p.19), que lhes confia uma tarefa importante: entregar uma caixa ao dono da casa da coruja verde.

O morador misterioso, “um homem de cabelos brancos, acostumado a vista aos derradeiros raios de sol” (Paim, 2019, p.20) e que foi visto pela última vez “a olhar para o céu com um canudo” (Paim, 2019, p.18), é descrito por Teodoro como:

uma criatura esquisita. São de arrepiar os feitos do homem. (...) nunca o vi de perto. Pelo vulto na luz da lua, tem jeito de alto e forte. Afinal armou um tripé, esse negócio de retratista (Paim, 2019, p. 18).

Ao notar as crianças chegarem com o embrulho, ele o recebe e agradece, mas, para a tristeza dos pequenos, a princípio, não os convida a entrar. Decepcionada com o simples agradecimento do proprietário,

Catita se pendurou na cordinha. O sino disparou como doido. Rolou a caixa das mãos do homem. O laço de veludo ficou na grama como flor assombrada, preta de carvão. O homem abriu os olhos espantados. – É assim? Boa viagem, meninos! Porque não manda entrar? Minha avó manda entrar e ainda serve bolo com limonada. Catita sacudia as tranças, os olhinhos negros pregados no espanto que vestia o rosto do homem. Laurinho cortou a palavra que se formava naquela boca, três palmos acima do portão. – Fique sabendo que só entreguei embrulho para entrar na sua Casa da Coruja Verde. Foi a vez do espanto pular o portão. Catita e Laurinho não sabiam mais o que estava acontecendo. O homem ria, ria, ria. O som do riso correu na estrada com o vento da tarde. Quando o riso foi murchando, o homem tirou o lenço do bolso e enxugou uma lágrima. Abriu o portão, cheio de reverência (Paim, 2019, p.22)

e , então, os convidou: “Entrem, amigos. Meu nome é Francisco de Oliveira Raposo, para os amigos, Chico raposo” (Paim, 2019, p.23).

Raposo descreve-se como um “ velho professor aposentado, homem de estudo, da ciência, modesto aprendiz de sábio ”(Paim, 2019, p.28-29), que trabalhou “ a vida inteira , para um dia estudar com sossego ”(Paim, 2019, p.28) e que se mudou para o interior após receber a propriedade rural como presente de um ex-aluno. Ainda que ele pretendesse nomear a casa como Rancho de Minerva, a comunidade acaba por chamar o local de a casa da coruja verde, devido à figura simbólica da coruja.

O professor é o responsável por introduzir Laurinho e Catita ao mundo letrado, mostrando a importância de uma educação que contempla o conhecimento popular da avó Mariana com os avanços dos saberes científicos.

Em boa parte de suas narrativas, especialmente aquelas voltadas para o público adulto, Paim valoriza o conhecimento, frequentemente utilizando a mulher como a figura que ensina e detém a sabedoria, como fez com Mariana em *Estrada da liberdade*, ao narrar “ a importante jornada e o amadurecimento de uma personagem que pode bem ser reconhecida como síntese dos principais

questionamentos identificados em toda a carreira literária da escritora”( Mendonça, 2019, p.7). Curiosamente, entretanto, no conto infantil *A casa da coruja verde*, Francisco Raposo:

assume as rédeas da história, evidenciando que o conhecimento é uma conquista de ambos os sexos. A sabedoria do velho professor mostra que ele faz jus ao local em que mora: A Casa da Coruja Verde, uma escola 'imaginária', moderna em que se aprende 'brincando', ou se brinca 'aprendendo' sobre a vida (Cardoso, 2012, p.148).

Na análise de Cardoso (2012, p.25), o professor Raposo simboliza:

duplamente o papel de mágico e de detentor do conhecimento, viabiliza a travessia do mundo real para o maravilhoso do faz de conta, permitindo as crianças vivenciarem o sonho, colocando-os em contato com seus super-heróis, príncipes, princesas, monstros, dragões, seres que habitam o inconsciente coletivo.

A interação das crianças com esses dois tipos de saberes mostra que o aprendizado não se limita à escola da professora Helena, mas é enriquecido pelas experiências e ensinamentos passados de geração em geração. Essa combinação de conhecimentos ajuda a formá-las como indivíduos mais completos, capazes de compreender e valorizar suas raízes, ao mesmo tempo em que estão preparados para enfrentar os desafios do mundo moderno.

A casa, por sua vez, considerada por Bachelar (2008, p.26) ,em *A poética do espaço* , como “uma das maiores forças de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem”, é um espaço onde o tempo parece entrelaçar o antigo e o novo, onde os personagens encontram o equilíbrio entre preservar suas origens e abrir-se para o futuro.

A coruja verde, que dá nome ao conto, também “ é símbolo do conhecimento; sua cor está relacionada ao jade — a pedra dos deuses —, e representa a consciência dilatada” (Cardoso, 2012, p.148). Além disso, é vista como uma guardiã do lar em que vive e guia das crianças em suas jornadas de aprendizado.

Em suma, a estrutura narrativa de *A casa da coruja verde* “ é simples, própria dos contos de fadas e, portanto, na linha de Monteiro Lobato: personagens próximas dos seres humanos reais e vivendo situações inusitadas

e fantásticas” (Cardoso, 2014, p.129) e “ coaduna-se com o projeto político de Alina Paim, traz reflexões de ordem ética no que tange ao convívio entre as pessoas”(Cardoso, 2019, p.8) .

Nas obras de Lobato e Paim, a fantasia serve como o elemento central que leva os personagens ao universo do fantástico. Nesses mundos, animais e objetos ganham vida através da magia e compartilham o mesmo espaço com os humanos, revelando que a linha entre o real e o imaginário se dissolve, tornando o maravilhoso uma parte natural da vida cotidiana dos personagens.

#### **4 A CASA DA CORUJA VERDE EM SALA DE AULA :UMA PROPOSTA DE ENSINO DO GÊNERO CONTO**

Além de seu valor literário, *A casa da coruja verde* tem sido reconhecido por seu potencial pedagógico. O conto oferece oportunidades de discutir com jovens leitores temas, como a importância do conhecimento, da fantasia, a relação entre tradição e modernidade, e a formação da identidade pessoal e coletiva. Em sala de aula, pode ser utilizado para explorar essas questões de maneira crítica e reflexiva, incentivando os alunos a pensarem sobre a importância do conhecimento, seja ele formal ou não, em suas próprias vidas. Neste sentido, a presente sequência didática aborda os principais elementos da narrativa no gênero conto.

##### **4.1 PRODUÇÃO INICIAL**

Prezado (a) professor(a), este momento será reservado ao primeiro contato dos discentes com o conto *A casa da coruja verde*. Antes de tudo, é necessário instigar o interesse e conectá-los com os principais temas deste, como a importância do conhecimento e da fantasia.

Comece com uma roda de conversa sobre as corujas. Pergunte aos alunos o que eles sabem sobre este animal, quais sentimentos elas evocam e como costumam ser representadas em filmes, livros e na cultura popular.

Em seguida, apresente imagens de corujas em diferentes contextos (fantasia, natureza, desenhos) e peça que escolham uma imagem que mais chama a atenção e que expliquem o motivo.

Com base no título do conto, peça aos alunos que imaginem o que pode acontecer na história, quem são os personagens e onde se passa.

## 4.2 MÓDULO I: Introdução ao gênero conto

**Público-alvo específico:** 6º ano do Ensino Fundamental.

### **Objetivos:**

- Explicar o que é, quais são as características e funções sociais do gênero literário conto.

### **Recomendações ao/à professor(a):**

Comece a aula questionando a turma: o que é um conto? Explique que o conto é:

uma narrativa mais curta, que tem como característica central condensar conflito, tempo, espaço e reduzir o número de personagens. O conto é um tipo de narrativa tradicional, isto é, já adotado por muitos autores nos séculos XVI e XVII, como Cervantes e Voltaire, mas que hoje é muito apreciado por autores e leitores, ainda que tenha adquirido características diferentes, por exemplo, deixar de lado a intenção moralizante e adotar o fantástico ou o psicológico para elaborar o enredo (Gancho, 1991, p.6).

Após as explicações, questione:

- a) Quais são os principais elementos desse gênero?
- b) Qual a finalidade de um conto?

Apresente as características do gênero conto (narrativa curta, foco em um acontecimento central, poucos personagens, desfecho) e solicite que relembrem quais contos já leram.

Depois disso, fale, brevemente, sobre Alina Paim destacando sua trajetória como escritora e seu estilo literário.

## 4.3 MÓDULO II: Leitura do conto *A casa da coruja verde*, de Alina Paim.

**Público-alvo específico:** 6º ano do Ensino Fundamental.

**Objetivo:** Realizar a leitura do conto de forma ativa, compreendendo o enredo e seus simbolismos.

### **Recomendações ao/à professor(a):**

#### **Passo a passo:**

**1º passo:** Leitura compartilhada: faça uma leitura em voz alta ou convide alunos para lerem trechos. Durante a leitura, faça pausas estratégicas para que eles possam levantar hipóteses sobre o que está por vir.

**2º passo:** Leitura em grupo: divida os alunos em pequenos grupos e peça para que releiam trechos do conto, destacando os momentos mais impactantes ou curiosos.

**3º passo:** Explique, a partir da concepção de Gancho (1991), os elementos narrativos deste gênero, a saber:

- **Enredo:**

conjunto dos fatos de uma história. Duas são as questões fundamentais a se observar no enredo: sua estrutura (vale dizer, as partes que o compõem) e sua natureza ficcional ( Gancho, 1991, p.7).

- **Conflito:**

é qualquer componente da história (personagens, fatos, ambiente, ideias, emoções) que se opõe a outro, criando uma tensão que organiza os fatos da história e prende a atenção do leitor ( Gancho, 1991, p.8).

- **Personagem:**

a personagem ou o personagem é um ser fictício que é responsável pelo desempenho do enredo; em outras palavras, é quem faz a ação. Por mais real que pareça, o personagem é sempre invenção, mesmo quando se constata que determinados personagens são baseados em pessoas reais. O personagem é um ser que pertence à história e que, portanto, só existe como tal se participa efetivamente do enredo, isto é, se age ou fala (Gancho, 1991, p.11).

- **Personagem principal**

protagonista: é o personagem principal — herói: é o protagonista com características superiores às de seu grupo; — anti-herói: é o protagonista que tem características iguais ou inferiores às de seu grupo, mas que por algum motivo está na posição de herói, só que sem competência para tanto (Gancho, 1991, p.11).

- **Personagens secundários**

são personagens menos importantes na história, isto é, que têm uma participação menor ou menos frequente no enredo; podem desempenhar papel de ajudantes do protagonista ou do antagonista, de confidentes, enfim, de figurantes (Gancho, 1991, p. 13).

- **Tempo: cronológico**

é o nome que se dá ao tempo que transcorre na ordem natural dos fatos no enredo isto e do começo para o final. Está, portanto, ligado ao enredo linear (que não altera a ordem que os fatos ocorreram); chama-se cronológico porque é mensurável em horas, dias, meses, anos,

séculos. Para você compreender melhor esta categoria de tempo, pense na história que começa narrando a infância do personagem e depois os demais fatos de sua vida na ordem em que eles ocorreram: você terá o tempo cronológico (Gancho, 1991, p.15).

- **Tempo: psicológico**

é o nome que se dá ao tempo que transcorre numa ordem determinada pelo desejo ou pela imaginação do narrador ou dos personagens, isto é, altera a ordem natural dos acontecimentos. Está, portanto, ligado ao enredo não linear (no qual os acontecimentos estão fora da ordem natural) (Gancho, 1991, p.16).

- **Espaço**

é, por definição, o lugar onde se passa a ação numa narrativa. Se a ação for concentrada, isto é, se houver poucos fatos na história, ou se o enredo for psicológico, há ver a menos variedade de espaços; pelo contrário, se a narrativa for cheia de peripécias (acontecimentos), haverá maior afluência de espaços (Gancho, 1991, p. 17).

- **Narrador**

é o elemento estruturador da história. Dois são os termos mais usados pelos manuais de análise literária, para designar a função do narrador na história: foco narrativo e ponto de vista (do narrador ou da narração). Tanto um quanto outro referem-se à posição ou perspectiva do narrador frente aos fatos narra dos. Assim, teríamos dois tipos de narrador, identificados à primeira vista pelo pronome pessoal usado na narração: primeira ou terceira pessoa (do singular) ( Gancho, 1991, p.19).

**4º passo:** Mapeamento dos elementos narrativos: oriente os alunos a identificarem os referidos elementos no conto de Alina Paim.

#### **4.4 MÓDULO III: Interpretação e análise do conto infantil paimiano**

**Público-alvo específico:** 6º ano do Ensino Fundamental

**Objetivos:** Incentivar a interpretação crítica e a reflexão sobre o simbolismo do conto.

**Recomendações ao/à professor(a):**

**Passo a passo:**

**1º passo:** Discussão em grupo: promova uma roda de conversa sobre o que a coruja verde simboliza no conto. Por que será que a casa dela é verde? Qual é o papel da coruja na história e o que ela representa?

**2º passo:** Análise do desfecho: o final do conto é aberto ou fechado? O que o final sugere sobre as mensagens implícitas da narrativa?

**3º passo:** Relação com o mundo real: pergunte aos alunos como o conto pode ser relacionado com situações da vida cotidiana. Existe alguma lição que podemos tirar da história?

A partir das respostas dos estudantes, enfatize que:

A obra de Paim, enquanto veículo da fantasia nos ensina a lidar com a diferença, que não podemos ser eternos Peter Pans, e há coisas que temos mesmo que rejeitar para crescermos, assim como o fizeram os personagens Catita e Laurinho, que tomados pela curiosidade de conhecer a Casa da Coruja Verde, um lugar diferente do sítio em que viviam, totalmente desarticulado dos princípios escolares, descobriram a fonte do conhecimento. O sítio, porém, tem importância na medida em que é o espaço das primeiras instruções, provenientes da família (Cardoso, 2012, p.149).

#### 4.5 PRODUÇÃO FINAL

**Objetivo:** Estimular a produção criativa a partir do conto trabalhado.

Professor (a),

Nesta etapa, proponha a produção textual com o gênero conto. A tarefa é individual, para que cada aluno possa pôr em prática os conhecimentos alcançados ao longo desta sequência didática.

**Atividades:**

- **Reescrita criativa:** Peça aos alunos que reescrevam o final do conto, propondo um novo final. Eles podem mudar o destino dos personagens ou criar outra situação.
- **Criação de um novo conto:** Incentive os alunos a escreverem seus próprios contos, inspirados em *A casa da coruja verde*. Eles podem usar a coruja ou outro animal como personagem central, explorando simbolismos e mensagens.

Ressalte que o conto deve contemplar os elementos narrativos que foram estudados por eles, como: personagens principais e secundários, espaço e tempo, narrador, enredo e conflito.

Após a escrita encoraje a apresentação e avaliação das produções. Nesta etapa, cada aluno pode ler sua produção para a turma. Após cada leitura, os colegas podem fazer comentários ou perguntas sobre o texto.

#### 4.6 AVALIAÇÃO

Para encerrar a sequência didática sobre o ensino do gênero conto, a partir de *A casa da coruja verde*, promova uma roda de conversa, incentivando os alunos a compartilharem dúvidas e reflexões sobre as atividades realizadas. Em seguida, distribua uma ficha de avaliação individual, com perguntas sobre como o aluno se sentiu durante as atividades, a clareza e a interatividade no processo de compreensão do gênero textual estudado, e verifique se a história ajudou a refletir sobre temas trabalhados no decorrer das aulas.

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Espero que o trabalho com o conto infantil de Alina Paim em sala de aula possa contribuir significativamente para o desenvolvimento de uma consciência crítica e cidadã dos alunos, alinhada às diretrizes da Base Nacional Comum Curricular, dado que a leitura deste possibilita, além de trabalhar o ensino do gênero conto e valores fundamentais, como empatia e respeito à diversidade, experiências estéticas que estimulam a imaginação e a sensibilidade artística, o que tende a contribuir para formação integral dos discentes e para o reconhecimento acadêmico da escritora pelo público leitor mirim.

#### REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Trad. Antonio de Pádua Danesi. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- CANDIDO, Antonio. *O direito à literatura*. In: *Vários Escritos*. 6ª ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2017, p. 171-193.
- CARDOSO, Ana Maria Leal; SOUZA, Antonielle Menezes; SILVA, Márcio Carvalho da (org.) *Centenário de Alina Paim: uma poética na tecitura do tempo*, Aracaju: Artner comunicação, 2019.
- CARDOSO, Ana Maria Leal. *Alina Paim: resgate de uma narrativa poética*, Aracaju: Artner comunicação, 2019.
- CARDOSO, Ana Leal. Magia e Educação na narrativa infanto-juvenil de Alina Paim. In: **Interdisciplinar**. v.21, jul./dez. 2014, p. 119-132.
- CARDOSO, Ana Leal. Do mito à memória na narrativa infantojuvenil de Alina Paim. **Revista Fórum Identidades**, Itabaiana-SE, 2013. Disponível em:

<https://periodicos.ufs.br/forumidentidades/article/view/1890>. Acesso em: 3 set. 2024.

CARDOSO, Ana Leal; SANTOS., J. D. J. O mito da serpente em A sombra do Patriarca de Alina Paim. In: Carlos Magno Gomes, Christina Bielinki Ramalho, Jocilaine Oliveira dos Santos. (Org.). *Literatura e Criação: perspectivas autorais, jurídicas e mítico-épicas*. 1ªed. Aracaju: Criação Editora, 2024, v. 1, p. 531-546.

CARDOSO, A. L. Alina Paim e o faz de conta: uma tecelã do conhecimento. In: **Sociopoética**, Volume 1, número 9, 2012, p. 19-29.

CARDOSO, A. L. Alina Paim e Monteiro Lobato: entre a magia e a educação. In: **Anais da ABRALIC** – Associação Brasileira de Literatura Comparada, 2015. Disponível em: <https://abralic.org.br/anais-artigos/?id=750>. Acesso em: 8 out. 2024.

CARDOSO, A. L. Apresentação à segunda edição. *A casa da coruja verde*. In: CARDOSO, Ana Maria Leal; (org.). Aracaju: Artner comunicação, 2019, p.5-8.

COELHO, Nelly Novaes. *Literatura Infantil: teoria, análise, didática*. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

COELHO, Nelly N. *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: Das origens indoeuropéias ao Brasil contemporâneo*. 3. Ed. São Paulo: Quíron, 1985.

COUTINHO, Afrânio (dir.) & COUTINHO, Eduardo de Faria (co-dir.). *A Literatura no Brasil*. Volume VI: Relações e perspectivas. 7. Ed. São Paulo: Global, 2004.

GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. São Paulo: Ática, 1991.

GENS, Rosa. Elementos da ficção infanto-juvenil de Alina Paim. **Interdisciplinar - Revista de Estudos em Língua e Literatura**, São Cristóvão-SE, v. 8, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/view/1183>. Acesso em: 6 dez. 2023.

Maciel, L. N., & Gomes, C. M. (2024). O resgate da “escrita de si” na obra de Alina Paim. . **Revista Literalmente**, [S. l.], v. 4, n. Especial, p. 97–113, 2024. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rl/article/view/68914>. Acesso em: 3 set. 2024.

MARINHO, C. *Poéticas do maravilhoso*. Belo Horizonte: Autêntica Editora:2009.

MENDONÇA, Fernando de. Apresentação à primeira edição. *Centenário de Alina Paim: uma poética na tecitura do tempo*. In: CARDOSO, Ana Maria Leal; SOUZA, Antonielle Menezes; SILVA, Márcio Carvalho da (org.). Aracaju: Artner comunicação,2019, p.7-8.

PIAGET, Jean. *A Equilibração das Estruturas Cognitivas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

PAIM, Alina. *A casa da coruja verde*. Rio de Janeiro: Editora Conquista, 1962.

PAIM, Alina. *Luzbela vestida de cigana*. Rio de Janeiro: Editora Conquista, 1963

PAIM, Alina. *O lenço encantado*. Rio de Janeiro: Editora Conquista, 1962

ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.

ZILBERMAN, Regina; MAGALHÃES, Lúcia Cademartori. *Literatura infantil: autoritarismo e emancipação*. 2 ed. São Paulo: Ativa, 1984.